

## “É APENAS, VAMOS DIZER, COMO FECHAR UM LIVRO”: A ÚLTIMA NOITE DO MUNDO POR RAY BRADBURY

### “BUT JUST, LET’S SAY, THE CLOSING OF A BOOK”: THE LAST NIGHT OF THE WORLD BY RAY BRADBURY



Traduzido por:

Carolina Geaquinto PAGANINE  
Universidade Federal Fluminense  
Centro de Estudos Gerais  
Instituto de Letras  
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/3822561762494940>  
<https://orcid.org/0000-0002-8958-1483>  
[carolinagp@id.uff.br](mailto:carolinagp@id.uff.br)

1

**Resumo:** Este trabalho apresenta a nossa tradução para o português brasileiro do conto “A última noite do mundo”, de Ray Bradbury (1920-2012), publicado originalmente em *The Illustrated Man* (1951). O conto narra um diálogo entre um casal que, ciente de que o mundo vai acabar naquela noite, conversa sobre o assunto. No texto que antecede a tradução, traçamos um breve paralelo entre o contexto da época da escrita do conto, os anos 1950 em que os Estados Unidos estavam no início da Guerra Fria, e o contexto atual de um mundo sob a pandemia de Covid-19 e de polarização política.

**Palavras-chave:** Ficção científica. Conto. Tradução literária. Guerra Fria. Pandemia de Covid-19.

**Abstract:** This paper presents our translation into Brazilian Portuguese of the short story “The Last Night of the World by Ray Bradbury (1920-2012), originally published in the collection *The Illustrated Man* (1951). The story is set through a couple’s dialogue in which both are aware that the world will end that very night. The preface to the translation presents a brief parallel between the context of the original story, the United States in the 1950’s in the beginning of the Cold War, and the current context of the covid-19 pandemic and of politic polarization.

**Key-words:** Science fiction. Short story. Literary translation. Cold War. Covid-19 pandemic.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

O conto “The Last Night of the World”<sup>1</sup>, aqui apresentado em tradução para o português brasileiro sob o título “A última noite do mundo”, de Ray Bradbury (1920-2012) foi publicado originalmente em 1951 no livro *The Illustrated Man* [*O homem ilustrado*], uma coletânea de contos de ficção científica. As dezoito histórias do livro são costuradas em uma moldura narrativa em que as tatuagens do personagem homônimo, o homem ilustrado, supostamente feitas por uma mulher que viaja no tempo, se tornam animadas aos olhos do narrador e este, por sua vez, nos conta as histórias ali representadas.

Mas os elementos de ficção científica ou de fantasia parecem se restringir a esse prólogo quando passamos à leitura de “A última noite do mundo”. O conto é um diálogo entre um homem e sua esposa num dia qualquer, com seus afazeres banais de lavar a louça e colocar as crianças para dormir. O estilo é direto, sem rodeios, e nada há de excepcional na história a não ser que aquela é a última noite do mundo e, é preciso enfatizar, tudo está normal. O fim do mundo, ou deste mundo como o conhecemos, é tão simples quanto o ato de fechar um livro. Essa comparação de Bradbury não nos parece gratuita se pensarmos que o fim dos livros e, com isso, da memória, do conhecimento e da arte que carregam, simbolizaria um ataque àquilo que nos caracteriza humanos – a capacidade da linguagem e do pensamento. Não à toa, também, a notícia do fim do mundo chega aos personagens por meio de uma voz em um sonho.

Em certa medida, este conto já antecipa o tema do romance mais conhecido de Bradbury, *Fahrenheit 451*, de 1953, publicado em seguida a *The Illustrated Man*. Nesse romance, o autor escreve sobre uma sociedade do futuro em que livros são proibidos e incinerados, o que não impede, entretanto, que o conhecimento continue a ser difundido subversivamente através da memória e da contação oral de histórias.

Como *Fahrenheit 451*, “A última noite do mundo” foi escrito nos primeiros anos da Guerra Fria e o medo da bomba atômica é uma das poucas referências contextuais apresentadas, mas o paralelo entre aquela época e a nossa, a da pandemia, são evidentes. Lá, como agora, vivemos um período de radicalização e polarização política em que ressurgem uma paranoia anticomunista, em que perseguição, censuras veladas e desinformação estão em curso em defesa do capitalismo selvagem. Lá, como agora, vivemos uma normatização do absurdo e da violência, seja pelo medo da bomba atômica, de vírus, seja pela iminência de catástrofes sociais e ambientais. A sensação generalizada de culpa e impotência diante do nosso duro cotidiano é remodelada em um “novo normal”, uma expressão da moda usada

---

PAGANINE, Carolina Geaquinto. “É apenas, vamos dizer, como fechar um livro”: a última noite do mundo por Ray Bradbury. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 10, n. 3, p. 01-12, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n3.2021.33177>

---

para significar um mundo que assiste e acede à barbárie. O fim do mundo do conto ou o de hoje parece não nos chocar porque, nas palavras de Bradbury, “[n]ada mais poderia acontecer a partir da maneira como temos vivido”.

Se este conto pode ser considerado uma ficção científica é porque a história ali narrada é assustadoramente possível e atual, confirmando aquilo que Bradbury disse em uma entrevista: “A ficção científica é uma representação do real” (O’LEARY, 1999, s/p)<sup>2</sup>, isto é, não há nada neste gênero que não venha daquilo que chamamos de realidade ou que não seja possível neste mundo. Foi assim em 1951 quando Bradbury escreveu este conto, foi assim em 19 de outubro de 1969, dia em que se passa o enredo do conto, e ainda é assim em 2020 quando esta tradução foi feita.

Para terminar, em uma entrevista de 1980, comentando esse período dos anos 1950 de sua carreira literária, Bradbury faz a seguinte declaração sobre os dois romances escritos antes e depois de *The Illustrated Man*: “As crônicas marcianas e *Fahrenheit 451* vieram do mesmo período da minha vida em que eu estava advertindo as pessoas. Eu estava *prevenindo* futuros” (citado em HOSKINSON, 2001, p. 125, grifo no original)<sup>3</sup>. Em inglês como em português, os verbos “to prevent” e “prevenir” possuem o duplo sentido de antecipar e evitar. Ao lermos “A última noite do mundo”, podemos imaginar que Bradbury teve sucesso apenas na primeira acepção, a de antecipar. Resta a nós, ainda, a potência criadora para evitar que esta seja a última noite do mundo.

---

## “A ÚLTIMA NOITE DO MUNDO”

— O que você faria se soubesse que esta era a última noite do mundo?

— O que eu faria? É sério?

— É sério.

— Não sei. Nunca pensei nisso.

Ele serviu um pouco de café. Nos fundos, as duas meninas brincavam de tijolinhos no tapete da sala sob a luz dos abajures verdes. Havia no ar noturno um aroma tranquilo e límpido de café fresco.

— Bem, então é melhor começar a pensar sobre isso, — disse ele.

— Você não está falando a sério!

Ele assentiu com a cabeça.

— Uma guerra?

Ele fez que não.

— É a bomba atômica ou de hidrogênio?

— Não.

— Uma guerra biológica?

— Não é nada disso, — respondeu, mexendo lentamente o café. — É apenas, vamos dizer, como fechar um livro.

— Acho que não estou entendendo.

— Nem eu, na verdade; é apenas uma sensação. Às vezes me assusta, às vezes nem fico assustado, mas me sinto em paz. Ele olhou para as filhas e para os seus cabelos loiros brilhando sob a luz do abajur. — Não disse nada a você. Aconteceu pela primeira vez quatro noites atrás.

— O quê?

— Um sonho que eu tive. Sonhei que tudo iria se acabar e uma voz disse isso; não era um tipo de voz que eu pudesse me lembrar, mas era, de qualquer maneira, uma voz e dizia que as coisas iam parar aqui na Terra. Não pensei muito nisso no dia seguinte, mas então fui para o escritório e flagrei Stan Willis olhando para fora da janela no meio da tarde e perguntei a Stan sobre o que ele estava pensando e ele disse “eu sonhei ontem à noite” e, antes mesmo que ele me contasse qual era o sonho, eu sabia o que era. Eu poderia ter-lhe dito, mas ele me contou e eu o escutei.

---

— Era o mesmo sonho?

— O mesmo. Conteí ao Stan que eu também tivera aquele sonho. Não pareceu surpreso. Na verdade, relaxou. Começamos, então, a caminhar pelo escritório sem propósito algum. Não foi algo planejado. Não dissemos: “vamos passear”. Apenas começamos a caminhar juntos e em todos os cantos víamos pessoas olhando para as mesas e para as mãos ou para fora das janelas. Conversei com algumas delas. Stan também.

— E todas tinham sonhado?

— Todas elas. O mesmo sonho, sem nenhuma diferença.

— Você acredita nesse sonho?

— Acredito. Nunca tive tanta certeza.

— E quando vai terminar? O mundo, quero dizer.

— Para nós, em algum momento à noite e, à medida que for anoitecendo pelo mundo, tudo vai acabando também. Levará vinte e quatro horas para terminar.

Eles permaneceram sentados por um tempo sem tocar nas xícaras de café. Então, levantaram-nas devagar e beberam, olhando um ao outro.

— Nós merecemos isso? — ela perguntou.

— Não é uma questão de merecimento; é apenas que as coisas não deram certo. Percebi que você nem me contestou. Por que não?

— Talvez eu tenha um motivo.

— O mesmo que todos do escritório tiveram?

Ela fez que sim com a cabeça lentamente.

— Não queria dizer nada. Aconteceu ontem à noite. E hoje as mulheres do quarto comentaram entre si a respeito disso. Elas sonharam. Pensei que fosse apenas uma coincidência. — Ela pegou o jornal vespertino. — Não há nada no jornal sobre isso.

— Todo mundo sabe, não tem necessidade.

Ele se recostou na cadeira, observando-a.

— Você está com medo?

— Não. Sempre pensei que teria, mas não tenho.

— Onde está aquele instinto conhecido como autopreservação de que se fala tanto?

— Não sei. As pessoas ficam menos nervosas quando sentem que as coisas têm uma lógica. Isto tem lógica. Nada mais poderia acontecer a partir da maneira como temos vivido.

— Nós não fomos muito maus, não é?

---

— Não, mas tampouco fomos muito bons. Talvez seja essa a questão... Não fomos nada muito além de nós mesmos enquanto uma grande parte do mundo estava ocupada sendo um bando de coisas extremamente horríveis.

As filhas estavam rindo na sala.

— Sempre pensei que as pessoas estariam gritando nas ruas numa situação dessas.

— Acho que não. As pessoas não gritam quando a situação é para valer.

— Quer saber, não vou sentir falta de nada, apenas de você e das meninas. Nunca gostei das cidades ou do meu trabalho ou de qualquer coisa além de vocês três. Não vou sentir falta de nada, exceto, talvez, da mudança das estações e de um copo de água gelada quanto está quente, e pode ser que eu sinta falta de dormir. Como podemos ficar aqui sentados e conversar dessa maneira?

— Porque não há nada mais a fazer.

— É isso, naturalmente; pois se houvesse algo, nós estaríamos fazendo. Acho que esta é a primeira vez na história do mundo em que todos sabiam exatamente o que estariam fazendo à noite.

6

— Fico pensando no que as pessoas vão fazer agora, no início da noite, pelas próximas horas.

— Ir a um show, ouvir rádio, ver televisão, jogar baralho, colocar as crianças para dormir, irem elas mesmas dormir, como sempre.

— Como sempre... De certa maneira, isso é algo para a gente se orgulhar.

Ficaram sentados por um tempo e então ele se serviu de um pouco mais de café.

— Por que você acha que vai ser hoje à noite?

— Porque sim.

— Por que não aconteceu em alguma noite do século passado, ou de quinhentos ou mil anos atrás?

— Talvez porque, pela primeira vez na história, seja 19 de outubro de 1969, nunca foi assim antes. Agora é e pronto. Porque essa data significa mais do que qualquer outra data já significou; porque é o ano em que as coisas são como são em todo o mundo e é por isso que é o fim.

— Hoje à noite bombardeiros fazem voos regulares em ambas as direções do oceano e jamais verão a terra.

— Isso é parte da explicação.

---

— Bem, — ele disse, se levantando — e agora? Lavar a louça?

Eles lavaram a louça e colocaram os utensílios para secar de um modo especialmente organizado. Às oito e meia puseram as meninas na cama, deram um beijo de boa noite, ligaram as luzinhas próximas às camas delas e deixaram uma frestinha da porta aberta.

— Fico pensando — disse o marido, saindo do quarto e olhando para trás, parado por um instante com o cachimbo.

— O quê?

— Se devo fechar toda a porta, ou se devo deixar só um pouquinho aberta para que entre um pouco de luz.

— Fico pensando se as crianças sabem.

— Não, claro que não.

Eles se sentaram e leram os jornais e conversaram e ouviram um pouco de música no rádio e então se sentaram juntos perto da lareira para contemplar as brasas enquanto o relógio batia dez e meia, onze e onze e meia. Eles pensaram em todas as outras pessoas no mundo que passavam suas noites, cada uma de um jeito próprio e especial.

— Bem — ele disse por fim e beijou a mulher por um longo tempo.

— Nós fomos bons um com outro, em todo o caso.

— Você quer chorar? — ele perguntou.

— Acho que não.

Eles andaram pela casa e desligaram as luzes e foram para o quarto e se despiram na escuridão fresca da noite e se cobriram com as colchas.

— Os lençóis estão tão limpos e macios.

— Estou cansado.

— Estamos *todos* cansados.

Ele a ouviu sair da cama e ir à cozinha. Um momento depois, ela voltou.

— Deixei a torneira da pia aberta — ela comentou.

Algo nisso era tão engraçado que ele teve que rir. Ela riu junto com ele, sabendo que era o que ela tinha feito que era tão engraçado. Eles finalmente pararam de rir e ficaram deitados na cama, na noite fresca, as mãos dadas, as cabeças encostadas.

— Boa noite — disse ele, depois de um instante.

— Boa noite — respondeu ela.

---

## “THE LAST NIGHT OF THE WORLD”

“WHAT would you do if you knew that this was the last night of the world?”

“What would I do? You mean seriously?”

“Yes, seriously.”

“I don’t know. I hadn’t thought.”

He poured some coffee. In the background the two girls were playing blocks on the parlor rug in the light of the green hurricane lamps. There was an easy, clean aroma of the brewed coffee in the evening air.

“Well, better start thinking about it,” he said.

“You don’t mean it!”

He nodded.

“A war?”

He shook his head.

“Not the hydrogen or atom bomb?”

“No.”

“Or germ warfare?”

“None of those at all,” he said, stirring his coffee slowly. “But just, let’s say, the closing of a book.”

“I don’t think I understand.”

“No, nor do I, really; it’s just a feeling. Sometimes it frightens me, sometimes I’m not frightened at all but at peace.” He glanced in at the girls and their yellow hair shining in the lamplight. “I didn’t say anything to you. It first happened about four nights ago.”

“What?”

“A dream I had. I dreamed that it was all going to be over, and a voice said it was; not any kind of voice I can remember, but a voice anyway, and it said things would stop here on Earth. I didn’t think too much about it the next day, but then I went to the office and caught Stan Willis looking out the window in the middle of the afternoon, and I said a penny for your thoughts, Stan, and he said, I had a dream last night, and before he even told me the dream I knew what it was. I could have told him, but he told me and I listened to him.”

“It was the same dream?”

---

“The same. I told Stan I had dreamed it too. He didn’t seem surprised. He relaxed, in fact. Then we started walking through the office, for the hell of it. It wasn’t planned. We didn’t say, ‘Let’s walk around.’ We just walked on our own, and everywhere we saw people looking at their desks or their hands or out windows. I talked to a few. So did Stan.”

“And they all had dreamed?”

“All of them. The same dream, with no difference.”

“Do you believe in it?”

“Yes. I’ve never been more certain.”

“And when will it stop? The world, I mean.”

“Sometime during the night for us, and then as the night goes on around the world, that’ll go too. It’ll take twenty-four hours for it all to go.”

They sat awhile not touching their coffee. Then they lifted it slowly and drank, looking at each other.

“Do we deserve this?” she said.

“It’s not a matter of deserving; it’s just that things didn’t work out. I notice you didn’t even argue about this. Why not?”

“I guess I’ve a reason,” she said.

“The same one everyone at the office had?”

She nodded slowly. “I didn’t want to say anything. It happened last night. And the women on the block talked about it, among themselves, today. They dreamed. I thought it was only a coincidence.” She picked up the evening paper. “There’s nothing in the paper about it.”

“Everyone knows, so there’s no need.”

He sat back in his chair, watching her. “Are you afraid?”

“No. I always thought I would be, but I’m not.”

“Where’s that spirit called self-preservation they talk so much about?”

“I don’t know. You don’t get too excited when you feel things are logical. This is logical. Nothing else but this could have happened from the way we’ve lived.”

“We haven’t been too bad, have we?”

“No, nor enormously good. I suppose that’s the trouble—we haven’t been very much of anything except us, while a big part of the world was busy being lots of quite awful things.”

The girls were laughing in the parlor.

---

“I always thought people would be screaming in the streets at a time like this.”

“I guess not. You don’t scream about the real thing.”

“Do you know, I won’t miss anything but you and the girls. I never liked cities or my work or anything except you three. I won’t miss a thing except perhaps the change in the weather, and a glass of ice water when it’s hot, and I might miss sleeping. How can we sit here and talk this way?”

“Because there’s nothing else to do.”

“That’s it, of course; for if there were, we’d be doing it. I suppose this is the first time in the history of the world that everyone has known just what they were going to do during the night.”

“I wonder what everyone else will do now, this evening, for the next few hours.”

“Go to a show, listen to the radio, watch television, play cards, put the children to bed, go to bed themselves, like always.”

“In a way that’s something to be proud of—like always.”

They sat a moment and then he poured himself another coffee. “Why do you suppose it’s tonight?”

“Because.”

“Why not some other night in the last century, or five centuries ago, or ten?”

“Maybe it’s because it was never October 19, 1969, ever before in history, and now it is and that’s it; because this date means more than any other date ever meant; because it’s the year when things are as they are all over the world and that’s why it’s the end.”

“There are bombers on their schedules both ways across the ocean tonight that’ll never see land.”

“That’s part of the reason why.”

“Well,” he said, getting up, “what shall it be? Wash the dishes?”

They washed the dishes and stacked them away with special neatness. At eight-thirty the girls were put to bed and kissed good night and the little lights by their beds turned on and the door left open just a trifle.

“I wonder,” said the husband, coming from the bedroom and glancing back, standing there with his pipe for a moment.

“What?”

---

“If the door will be shut all the way, or if it’ll be left just a little ajar so some light comes in.”

“I wonder if the children know.”

“No, of course not.”

They sat and read the papers and talked and listened to some radio music and then sat together by the fireplace watching the charcoal embers as the clock struck ten-thirty and eleven and eleven-thirty. They thought of all the other people in the world who had spent their evening, each in his own special way.

“Well,” he said at last.

He kissed his wife for a long time.

“We’ve been good for each other, anyway.”

“Do you want to cry?” he asked.

“I don’t think so.”

They moved through the house and turned out the lights and went into the bedroom and stood in the night cool darkness undressing and pushing back the covers. “The sheets are so clean and nice.”

“I’m tired.”

“We’re *all* tired.”

They got into bed and lay back.

“Just a moment,” she said.

He heard her get out of bed and go into the kitchen. A moment later, she returned. “I left the water running in the sink,” she said.

Something about this was so very funny that he had to laugh. She laughed with him, knowing what it was that she had done that was funny. They stopped laughing at last and lay in their cool night bed, their hands clasped, their heads together.

“Good night,” he said, after a moment.

“Good night,” she said.

## REFERÊNCIAS

Bradbury, R. (1955) A derradeira noite. In R. Bradbury. *O homem ilustrado*. (E. da Costa, Trad.) Edição Livros do Brasil. (Tradução de: *The Illustrated Man*, 1951)

Bradbury, R. (1951) A última noite. In R. Bradbury. *Uma sombra passou por aqui*. (R. Jungmann, Trad.) Record. (Tradução de: *The Illustrated Man*, 1951)

---

Bradbury, R. (2012) *The Last Night of the World*. In R. Bradbury. *The Illustrated Man*. Simon & Schuster. (pp. 136-141)

Hoskinson, Kevin. (2001) Ray Bradbury's Cold War Novels. In H. Bloom (ed.). *Bloom's Modern Critical Views: Ray Bradbury*. Chelsea House. (pp. 125 –139)

O'Leary, Devin D. *Grandfather time: an interview with Ray Bradbury*. Weekly Alibi, setembro de 1999. [http://weeklywire.com/ww/09-27-99/alibi\\_feat1.html](http://weeklywire.com/ww/09-27-99/alibi_feat1.html)

---

<sup>1</sup> Este conto não é inédito em português. Conseguimos localizar uma tradução brasileira feita por Raul Jungmann publicada em 1951 sob o título “A última noite” e uma tradução portuguesa de 1955 realizada por Eurico da Costa sob o título “A derradeira noite”.

<sup>2</sup> Todas as traduções são nossas. “Science fiction is a depiction of the real”.

<sup>3</sup> “*The Martian Chronicles* and *Fahrenheit 451* come from the same period in my life, when I was warning people. I was *preventing* futures.”